

O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

Domingo | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* | 25.º SERIE
7 | *Typ. a 1.5000 réis por uma serie de 5 numeros* | N.º 123



O MEIRINHO.

Fortaleza, 7 de outubro de 1877.

UMA NODOA DE SANGUE.

Quando a imprensa de nossa terra como que retraihe-se, guardando o mais condeinavel sigillo a um crime que paira, pavoroso como o remorso, sobre a fronte da sociedade cearense, quando os seus mais fortes orgaos calam o que corre *vox populus*, —é mister que nós, fracos romeiros da crusada da verdade—essa phalange que conta tantos heróes no martyrologio da imprensa—ergamos a nossa fraca voz contra os Tropmans que campeiam de sobre-casaca no seio da família cearense, protegidos pelos sicarios politicos que escondem as maos ensanguentadas do crime no seio prostituto da justiça dos vampyros do direito humano.

Nao custa a crer que os nossos homens guardem no augusto thalamo da consciencia social as vestes ensanguentadas do assassino, quando as corporações constituidas do Estado delegao felicitações escandalosas ao moedero falso, ao contrabandista e a todos os altos Walgeans da pobre patria dos Andradas !

É a corrupção que lavra, e a corrupção só terá o seu termo quando o sol da revolução illuminar os antros tenebrosos creados pelos morcegos da situação no seio da inditosa nação brasileira !

Tudo se ha de ver, pois na noite que nos envolve a todos, até que raija sobre a fronte d'este pobre paiz a luz matutina da justiça do povo derrocando o trono que esmagá o p'vir que ainda sonha e sonhará sempre em quanto germinar mesmo nas massas a chamma do patriotismo.

Pesa n'este momento sobre o espirito dos cearenses a impressão do nefando crime commettido a dous passos d'esta capital no sitio Mondubim.

Corre *urbi et orbi* que o criminoso é o Sr. major Antonio Monteiro Carneiro Pirao ; a polícia syndicou do facto propolado p'a indignação publica que affixou em todas as boccas a noticia.

« No sitio Mondubim foi assassinado com açoites um pobre « retirante » pendido dentro do cercado do major Pirao, e por este mandado surrará ponto de amanhecer morto no dia seguinte, ainda atado ao poste do seu supplicio ! »

E acrecentavam-se diversos boatos todos unanimes na affirmativa de ter sido Pirao o mandatario feroz de tão hediondo crime ! Augmentavam ainda à noticia terrivel a *aggravante* de ter sido o paciente obrigado a comer UMA GAMELLA DE MEL COM FARINHA para não ser ladrão ! »

A polícia—essa mascara dos ratoneiros da epocha—tomou conhecimento do facto, moveu os seus ulcerosos membros, *apalpou* o crime, tocou-o com o dedo, talvez, e recolheu-se, *fatigada*, aos seus gabinetes, donde ainda colhe interrogatorios e digere averiguacões—que não acararam ainda o *embaciado* crystalino de seus olhos vendados pelos amigos do indigitado—grande batalhador nas *campas* orgias eleitoraes.

Nao vê que esse miseravel instrumento comprado para representar a victima de tão brutal ferocidade, segundo a opiniao publica,—é um infame farcista que representa tão negento quanto ignominioso papel ?

Nao vê n'is contradicção desse *claqueur* a evidencia do traumardido para occultar um crime ?

Nao sao suficientes, ainda, os apupos do povo na estação da via-ferrea e

de muitos passageiros que vieram no comboio em que veio esse *teste de ferro* de nova tempra?

Não bastam os poucos, mas suficientes depoimentos, para a clareza do crime e indicação do criminoso?

Que quer mais a polícia?

Imbuir ao público a requintada e torpe hypocrisia desses mancos vis com que serve aos thuriferários da situação?

Não: basta de escarnecer do povo, basta de representar a herião da comédia que repugna à consciência social!

Dê-se ao Sr. major Pirão a túnica da inocência, mas se o removo quanto antes para seu sítio. Deixe-se ficar impune o miserável ganhador e acabe-se com essa farsa miserável.

O tempo e o remorso trarão a luz da verdade já enunciada pela voz pública e o castigo do criminoso!

E já que a justiça humana corrumpê-se até a putrefação, é mister apelar pela de Deus—esse juiz a cujo nome tremem as consciências polutas!

ZIGS-ZAGS.

Grandiosos leitores!..

Como passam essas florinhas? Sempre frescas e perfumosas, não? E muito provável.

Eu ca passo magnificamente, apesar da secca; e estando aqui—estou pintando o Simão.

Haja *churumella*, como diz o impagável Barbosa do Schip Chandler.

§

A *piranha* parece que viu farofa ou ficou em nada, pois nem mais os jornais sérios de nossa capital tratam dessa importante questão.

Creio que temos a reprodução da escrava Henriqueta ou cousa peior ainda.

Sr. orgão da justiça pública—não queria descer ao último grão de desgração, consentindo que fique impune tal mau crime.

A opinião pública precisa de uma satisfação.

§

O celebre *azul negra* depois do que tem lhe sucedido ultimamente, anda desapontadíssimo! Dizem até que vai para a África.

Não faz mal. Quem deve a Deus paga a Deus mesmo, porque o diabo não é cobrador de contas alheias.

O Dr. Avelino há de ficar satisfeitos quando souber do que tem sucedido ultimamente ao «advogado de causas perdidas», como lhe chamou o Dr. Mello.

O Sr. Figueira de Mello está virgando. O *deprofundis* cantado a si pelo *Cerense* converteu-se em *epitaphio* de João Brígido, nas páginas do *Retirante*.

Aqui é que cabe o pedacinho não sei de que autor, que diz:

« Santo Antônio pequenino »

« Formado de pão barriga! »

« Hoje estamos n'uma era: »

« Boca fala—Deus castiga. »

Coitado!.. Ainda vivo e jadhe fazendo o *epitaphio*!

Credo, alminha.

§

A câmara municipal deve chamar à conta ao encarregado da *limpeza pública*, para que elle de cumprimento ao seu contrato.

No pedaço de rua da Palma, onde antigamente chamou-se rua do Fogo, há lugares que têm lixo em grande quantidade, nas coxias.

E preciso mais cuidado para com o acelio da capital. Si o arrematante não pôde executar o que lhe compete—recinda seu contrato e deixe quem puder fazê-lo.

Isto d'esse modo não pode continuar.

§

Será verdade, leitores, que o tal B. Coblenz acha-se a dever o imposto de joalheiro e quer encobrir-se sem pagar o; e também que já foi apreendido de bordo—levando a bagagem em nome de outro?

Si é real o facto—é preciso que a gente da sessão d'arrecadação tenha bastante cuidado com esse sujeito, do contrário—o *calote* é feio.

O bixo é russo e de mão pollo.

§

O grandioso Pimenta, mano da comendadeira Ardesa, é um patuço famoso, muito embora seja *linda fada* em *má roca*, pelo que não é da gíria.

Ninguem sabe, sinão eu, quem é aquela *innocencia apimentada*. Mesmo debaixo da *calida* elle vai se arranjan-

do por perto de casa : é commodista. A mim, que pouca cosa escapa, já descobri-lhe a *massa* ; porém só conto aos leitores debaixo de todo segredo.

§

As novenas de S. Francisco, que se fizeram ultimamente no Livramento — fizeram-se bem para todos os *devotos e devotinhos*, menos para o Fausto do Sr. Joaquim Sebastião.

O rapazinho, segundo contaram-me, veixou-se muito para fazer uma conquista amorosa e sahia-se *feio* com o sachristão da igreja, que, não estando *pelos antos*, mostrou a elle aonde era mais *fresco* para estabelecer-se uma *olaria*, e isso a custa de alguma cosa desagradável.

Pobre menino ! Deshumano sachristão !

§

Lá pela rua do Quartel há muita gente zangada e bem zangada comigo ; porém as mais *ariscas* são a *Luisa Pinga*, negociante do corpo humano, *Verdeleunga Esquicelo* e *Bahocupim*.

Estes três *typos*, leitores, (mundo, dinheiro e carne) se podessem *pesquegar* — nem Santo António lá de casa mu livraria da famosa *esfrega*.

Eu havia de sahir de suas *unhas* maie malle do que uma *banana*.

Porem, é quo eu não sou tão tolo : « o seguro morreu de velho e o desconfiado ainda vive. »

Agora, não ha razão nenhuma para tamanha colera. Procedam como gente — que logo não chegarei mais por lá ; porém em quanto isso não fizerei... estou aqui — estou fazendo *subteiro*.

Estão zangadas ? Logo não estão.

§

Conhecem os leitores o jovem *esperançoso* Pedroca, mano do Casusa *sombreado* lá de Miranguape ?

Sabem o que mataram na cabeça desse sujeito ? Que elle devia ser *telegraphista*. E é o pobre diabo a odo sahir mais da Estação e fuzilar a paciencia do empregado do telegrapho, que o não deixa um instante.

Fortanha ! Meu Pedroca fique sciente de que, como diz o poeta :

« Tudo não é para todos,
« Mas todos querem ser tudo ;
« E depois o resultado
« É soprarem n'um canudo. »

E isso é quando encontra-se *canudo* ; e quando não ?... soprare-se em outra cosa mais fresco.

§

A responsabilidade do Cearense — o gato comeu.

No dia marcado para a audiencia apresentou-se o impressor do jornal para ser acusado. Compareceu o juiz, o advogado do queixoso, etc. etc. e... fez-se silêncio de morte sobre a tal questão !!!.

Cançido de esperar — retirou-se para o seu trabalho bem tranquillo. É que o boi sabe que cerca fura, como lá dizem.

Esse João Brígido, esse João Brígido — só mandado de mim ao *Pedro Botelho*.

« Quem d'uma escapa, sem annos vive. »

Adeus chefança do partido liberal !... passe bem e engorde !...

§

Então, Sr. delegado *modello*, — quem foi que mataram o *retirante* ?

V. S. deve ter descoberto o *mel do pão*. Mataram ou não mataram ?

§

Além de se viver com os ouvidos doentes de tantos pedidos de esmolas, não só dos *retirantes* como dos cegos e aleijados — as bolças não sahem das portas.

Não ha mais santo ou sante da corte do céo — que não seja conluzido, e esfinge, pelas ruas d'esta cidade, de porta em porta, de taboleiro em taboleiro — por um sujeito de ova «côr de barro quando foge».

Tem sujeito aqui que faz meio de vida com a bolça e a ova.

Está por que um inspector de quartel, lá para o Pará, prendeu um santo que andava esmollando pelas portas.

Pede-se a quem competir que acabe com essa especulação safada.

§

Chama-se a atenção de um pae de família a fim de dar urgentes providencias à uma reunião de meninos desenfreadados que se juntam na calçada de sua casa, isto todas as noites.

O conselho não é mão, pois onde se juntam meninas, como em sua casa, não é permitido que se reuna essa sucia de vadios, que, aproveitando a sua ausencia e de sua senhora, vivem pelos cantos da sala aos empurrões e proferindo palavras imorres que vem a ser causa de mais turde ver se essas crianças expulsas da sociedade.

O quadro é presenciado na rua Ame-
lia.

§

Apresento aos leitores um novo cora-
cio, que acha-se actualmente entre nós,
metamorfoseado em commandante que,
parece ter sido mais talhado para capa-
dicio—do que para comandar um ba-
talhão.

Este novo D. Juan constitui-se ulti-
mamente defensor de tudo quanto era
troço—filha de Jerusalém—e ha pouco
prendeu alguns de seus subordinados a
pedida d'um d'esses cações.

Não posso deixar de lamentar este pro-
cedimento, pois nunca persuadi-me que
um homem de certa posição se dobrasse
tanto aos caprichos de uma meretriz!

Vou agora seguir os passos d'esse mo-
derno Alabma, 2º tomo do Papa-cajú,
e estou aqui—estou botando-o no olho da
rua.

§

É preciso que certos retirantes de gra-
vata limpa deixem de apouquentar os po-
bres coxeiros com pedidos de cobre para
gogue ou cigarro.

Já viram que moda! E quando não são
servidos—ficam xangados, mas não para
sempre, o que seria melhor.

Acho-prudente escobar-se com essas fi-
lauças, do contrario—máscaras à baixo.

§

Leitores: a exposição de Pariz para o
ano inaugura-se, e o Ceatá, supponho,
nada para manda!

É uma miseria! Agora, se aceitassem
a minha opinião eu lembrava o Toró, por-
que é uma raridáde interessante, e nos
dará muita celebridade: é horrivelmente
feio, com tendencia para macaco; tapado,
que se considera uma descendencia já
muito degenerado da humandade; e além
de tudo isto é bodeguero! E mais! O
nome o dis: é toró! Muito boa lembran-
ça! Só desejaria temer que o tal toró não
vá fazer alguma assinaria lá pelas europeicas!
Mas, embém, elle é colô—olho corre perix-
go!

§

Duas verdades aos nossos assignantes:
Desde já vão ser suspensos os jornais
dos que se acham a dever assignaturas
atrasadas.

A paciencia já está exgotada e o cobra-
dor já afiou as canellas.

Agora.... em guarda!

S
Sr. Pompilio Cordeiro—não seja tão
teimoso. Não me faça sair dos limites.
Se continuar—V. não se sahe bem do
negocio.

§

Ultimos telegrammas.—O Pírto em
caças pardas.—A polícia protegendo tri-
minhos.—Emigração espantosa.—De-
profundi se aza negra.—Grande movi-
mento no Café Americano.—Histó de uma
Virgem S. missima, por conta do Papa.—
O imperador subscrivendo as victimas da
seus.—A Tribuna Católica ne arena
com as suas vaquidades.—O Marrocos
botando p'ra riba.—O J. Melo tomado
na ova.—A Morgadinho de Val Flor re-
presentada pels 1º de Setembro.—O Mei-
rinho damnado com os assignantes que
são calloteiros.

Diogenes.

VARIÉDADE.

O PO' DE ARROZ.

Maldito po' d'arroz! porque lavadiste
Da candida donzella o santo lar?
Porque a transformaste cruelmente
Em muma que nos faz atormentar?

Out'ora eram sómente as transviadas
Que de ti se serviam p'ra enganarem.
Mas h'j vae alón, alón as moças
Ja não têm repugnancia de te usarem!

Passeiam pelos ruas da cidade
Seguidas pela mãe que as encaminha,
Parecendo se, em vez de virgens bellas,
Verdadeiros montanhas de farinha!

E se acaso, darçamos uma valsa,
Li' feliz paletot! mudas de cor!
Ficas logo com manchas de pulvilho
Ou sujo de carmilo—qu'juda é pelor.

Meias, perd'as tanta fraqueza!
Mas deveis desde já regenerar-vos,
Pois, se o mundo chamar-vos idiotas
O olivre que joades é calar vos.

E vós, oh trovadores incansaveis,
Bem fazéis em cantar o ideal;
O pratico vos faz conhecer
As mazelas occultas, o real!

(Extr.)

Ceará.—Typ. Americana—Impresso por
T. E. de Almeida.